

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas

Rosemary Cristina Borges dos Santos Godoi

EXPRESSÃO ARTÍSTICA E DIVERSIDADE
Contribuições da Arte para trabalhar a cultura Afro-Brasileira

Contagem

2020

Rosemary Cristina Borges dos Santos Godoi

EXPRESSÃO ARTÍSTICA E DIVERSIDADE
Contribuições da Arte para trabalhar a cultura Afro-Brasileira

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Orientador(a): Kleumanery de Melo Barboza

Contagem

2020

Godoi, Rosemary Cristina Borges dos Santos.

Expressão Artística e Diversidade: contribuições da Arte para trabalhar a cultura Afro-brasileira/ Rosemary Cristina Borges dos Santos Godoi. – 2019.

32 f., enc (32).

Orientador(a): Kleumanery Melo Barboza.

Monografia (especialização) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes.

Referências: f. 31-32

1. Artes visuais – Especialização. 2. Estudo e ensino – Especialização. I. Título. II. Barboza, kleumanery de Melo. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes.

CDD: 707



Nome: Rosemary Cristina Borges dos Santos Godoi

EXPRESSÃO ARTÍSTICA E DIVERSIDADE

Contribuições da Arte para trabalhar a cultura Afro-Brasileira

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Pelas condições da Banca Examinadora a aluna foi considerada: **APROVADA**.

Professora Kleumanery de Melo Barboza – Orientadora - CEEAV/ EBA/ UFMG

Professora Conceição Linda de França – Membro da Banca Examinadora

Profa. Patrícia de Paula Pereira
Coordenadora do Curso de Especialização em Ensino de Artes
Visuais e Tecnologias Contemporâneas - CEEAV
Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes
Escola de Belas Artes/ EBA – UFMG

Belo Horizonte, 29 de fevereiro de 2020.

Resumo

A presente monografia tem como objeto de pesquisa o ensino da Arte como componente curricular central para trabalhar a diversidade através da valorização da cultura afro-brasileira no 2º ciclo do Ensino Fundamental das escolas da Rede Municipal de Belo Horizonte. Esta monografia traz uma pesquisa teórica sobre o ensino da Arte no 2º ciclo de acordo com Proposições Curriculares, a Lei 10.639/2003 e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais além da Abordagem Triangular proposta pela Ana Mae Barbosa. Discute a contribuição da Arte na implementação da lei nas escolas. Apresenta algumas reflexões sobre as Artes Visuais e a Educação para as relações étnico-raciais. Traz um levantamento de práticas pedagógicas que poderão nortear o trabalho realizado nas escolas com a cultura afro-brasileira também de forma interdisciplinar. Nesse sentido é possível concluir que a Arte favorece a construção da autoestima positiva e do papel do estudante que cria ao aprender. Através do ensino da Arte, pretende-se ainda identificar, analisar e desmistificar as relações raciais no ambiente escolar, assim como, pensar em práticas focalizando a constituição do estigma racial a partir da visibilidade que o indivíduo tem de si mesmo e as exterioriza, além de propor ações afirmativas de fortalecimento da identidade dos alunos, sobretudo os negros.

Palavras-chave: arte; cultura afro-brasileira; práticas pedagógicas.

Abstract

This monograph has as its research object the teaching of Art as a central curricular component to work on diversity through the valorization of Afro-Brazilian culture in the 2nd cycle of Elementary Education of schools in the Municipal Network of Belo Horizonte. This monograph brings a theoretical research on the teaching of Art in the 2nd cycle according to Curricular Propositions, Law 10.639 / 2003 and the National Curriculum Guidelines for the Education of Ethnic-Racial Relations in addition to the Triangular Approach proposed by Ana Mae Barbosa. Discusses the contribution of Art in the implementation of the law in schools. It presents some reflections on Visual Arts and Education for ethnic-racial relations. It brings a survey of pedagogical practices that can guide the work done in schools with Afro-Brazilian culture also in an interdisciplinary way. In this sense, it is possible to conclude that Art favors the construction of positive self-esteem and the role of the student it creates when learning. Through the teaching of Art, it is also intended to identify, analyze and demystify racial relations in the school environment, as well as, to think about practices focusing on the constitution of racial stigma based on the individual's visibility of himself and externalizing them, in addition to to propose affirmative actions to strengthen students' identity, especially blacks.

Keywords: art; Afro-Brazilian culture; pedagogical practices.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
A CULTURA AFRO-BRASILEIRA E O ENSINO DA ARTE	12
1.1 A Lei 10.639/03 e o currículo escolar	12
1.2 O ensino de Arte na RME-BH	14
1.3 Pressupostos Teóricos da Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa.....	16
AS ARTES VISUAIS E A EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS	18
2.1 A construção da identidade numa sociedade machista	18
2.2 Rubem Valentim e a cultura afro-brasileira	19
2.3 A moda inspirada na arte africana.....	19
2.4 Inspirações na cultura africana.....	20
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E O TRABALHO COM A LEI 10.639 NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL	22
3.1 Experimentações e arte	22
3.2 Práticas Pedagógicas	23
CONCLUSÕES	28
REFERÊNCIAS	31

INTRODUÇÃO

Atualmente os debates sobre a educação com um olhar para a questão racial se tornam cada vez mais intensos pela urgência das transformações que se fazem indispensáveis para uma educação para todos.

Desde o ano de 1500, e no decorrer da história do Brasil, o negro foi considerado uma raça inferior, não constituinte de alma, cultura e memória. Era visto apenas como um ser servil, comerciável. Mesmo após o período abolicionista, 1888, o negro continuou tendo sua identidade negada, situação essa que é refletida até os dias de hoje.

Essa negação histórica da identidade humana, cultural e religiosa, que se estende ainda na contemporaneidade, faz com que o negro vivencie resquícios de preconceitos e exclusão nas mais diversas esferas da sociedade, inclusive nos espaços escolares.

A luta pelo reconhecimento e pela incorporação do estudo da história da África e dos africanos e a luta dos negros no Brasil, pressupõe a crença numa prática educativa capaz de oferecer importante parcela de contribuição à vivência a uma sociedade cujo padrão de relacionamentos humanos esteja pautado no respeito, na tolerância, no reconhecimento e na não discriminação ao outro.

A presente monografia foi pensada a partir de uma rede de construção de conhecimentos baseada no contato direto com as experimentações estéticas, tendo em vista o desenvolvimento do pensamento artístico de estudantes do 2º ciclo do Ensino Fundamental nas escolas da Rede Municipal de Belo Horizonte através de recursos que permitirão o envolvimento pleno do sujeito de forma ativa e criativa. A pesquisa busca o fortalecimento da identidade dos estudantes pautada na Lei 10.639/2003, destacando a importância e a valorização da cultura africana e afro-brasileira.

Segundo Barbosa (2011, p.18):

A Arte capacita um homem ou uma mulher a não ser estranho em seu meio ambiente nem estrangeiro em seu próprio país. Ela supera o estado de despersonalização, inserindo o indivíduo no lugar ao qual pertence, reforçando e ampliando seus lugares no mundo.

Tal pesquisa foi desenvolvida com base na busca da afirmação da identidade dos

alunos através da Arte, visando o resgate da valorização humana rompendo com padrões de beleza preestabelecidos pela sociedade na qual estamos inseridos.

Com todas as questões descritas acima, fiz a opção pelo curso de Pós-Graduação em Arte na Universidade Federal de Minas Gerais pelo fato de ser uma profissional ativa no ensino da disciplina numa sociedade contemporânea no qual a tecnologia se faz presente, tornando o ensino da Arte desafiador, e, por nela possibilidades de desenvolver práticas educativas relacionadas a temática proposta.

É possível observar ainda que no contexto escolar, há um descaso e uma desvalorização da disciplina mesmo fazendo parte do currículo. No entanto acredito ser necessário adaptar as formas de ensinar, utilizando recursos tecnológicos a favor da educação, integrando as tecnologias digitais no processo de ensino e aprendizagem, tendo em vista que o modo como as crianças e jovens de hoje aprendem é bem diferente do modo como aprendemos no passado, tornando os estudantes ativos e protagonistas no processo.

Com essa pesquisa espera-se encontrar uma gama de possibilidades de aprendizagem, sendo imprescindível incluir a arte ao contexto dos alunos através da tecnologia, buscando desenvolver, por meio dessa junção, novos caminhos ao conhecimento, resignificando a prática docente realizada no dia a dia da escola pública no tocante do ensino da disciplina. Nesse sentido a monografia será pautada no estudo das contribuições do ensino da Arte, sendo ela eixo central e de forma interdisciplinar, no trabalho com a cultura afro-brasileira.

A ausência da história africana coloca a apresentação das diversas culturas a nível mundial, em desigualdade de informação sobre os conteúdos apresentados pela educação, além de induzir a ideia de que ela não existe. Que não faz parte do conhecimento a ser trabalhado.

De acordo com Rocha (2009), o trabalho a partir da Lei 10.639/03 vai subsidiar o Sistema Educacional Brasileiro para a construção de um ambiente social e sustentável, sem racismo, sexismo e outros “-ismos” que, historicamente, desrespeitam, oprimem e ferem a dignidade humana.

Através do ensino da Arte, pretende-se identificar, analisar e desmistificar as relações raciais no ambiente escolar, assim como, pensar em práticas focalizando a constituição do estigma racial a partir da visibilidade que o indivíduo tem de si

mesmo e as exterioriza, além de propor ações afirmativas de fortalecimento da identidade dos alunos, sobretudo os negros.

No ano de 2018 fui convidada pela equipe da Secretaria Municipal de Educação – SMED, para fazer parte do Núcleo de Estudos das Relações Étnico-Raciais da regional Leste da Prefeitura de Belo Horizonte – PBH, como representante da escola na qual leciono depois de apresentar no Congresso “Boas Práticas”, promovido pela SMED, o projeto: “Diversidade eu respeito! Conhecimento que transforma”. A partir desse projeto, surgiu então a intenção de realizar um estudo sobre as contribuições do ensino da Arte, a partir das minhas inquietações como pedagoga e professora que também trabalha com a disciplina, relacionando-a com a temática apontada. Também por ter encontrado através do estudo das disciplinas do curso de especialização, uma possibilidade de reflexão sobre o desenvolvimento de práticas educativas que pudessem propiciar o pensamento artístico, a percepção estética e a experimentação humana e a sensibilidade, contextualizando-os a partir da proposta triangular de Ana Mae Barbosa através de recursos que retratem a cultura do aluno.

Vale ressaltar ainda que o fato de constantemente estar desenvolvendo ações e estudos acerca da temática e por avaliar ter grande importância para os alunos, sobretudo os alunos negros, justifica-se também a escolha do tema proposto.

A presente monografia teve as seguintes etapas metodológicas:

- Inicialmente foi realizada uma pesquisa teórica nas Proposições Curriculares sobre o ensino da Arte no 2º ciclo do Ensino Fundamental em escolas da Rede Municipal de Belo Horizonte e a sua contribuição na implementação da lei 10.639/2003, reunindo textos, livros e projetos de arte-educadores, dentre outros, voltados para essa temática.
- Reflexões sobre as Artes Visuais e a Educação para as relações étnico-raciais.
- Registro de práticas pedagógicas que poderão nortear o trabalho realizado nas escolas com a cultura Afro-brasileira tendo a Arte como componente central no processo.

A monografia foi desenvolvida com base na Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003 altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a

obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-brasileira" para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-brasileira".

Ao longo da pesquisa, houve sempre uma preocupação de pensar em práticas pedagógicas voltadas para a busca da afirmação da identidade dos alunos, com o objetivo de resgatar a valorização humana através da arte, rompendo com padrões de beleza preestabelecidos pela sociedade na qual estamos inseridos.

Entender arte afro-brasileira implica a existência de africanidade e brasilidade como características culturais discerníveis. Afro-brasilidade seria uma particularidade resultante da conexão entre africanidade e brasilidade, algo intrínseco às obras produzidas por pessoas de origem africana ou as obras nas quais elas estão representadas.

De acordo com CONDURU (2007, p.11), pode-se tomar a arte afro-brasileira como:

Qualquer manifestação plástica e visual que retome, de um lado, a estética, a religiosidade africanas tradicionais e, de outro, os cenários sócio culturais do negro no Brasil. Assim é preciso pensar coisas e ações indicadas pelo cruzamento de arte e afro-brasilidade: de obras de arte à cultura material e imaterial. Nesse sentido a expressão arte afro-brasileira indica não um estilo ou um movimento artístico produzido apenas por afrodescendentes brasileiros, ou deles representativo, mas um campo plural, composto por objetos e práticas bastante diversificados, vinculados de maneiras diversas à cultura afro-brasileira, a partir do qual tensões artísticas, culturais e sociais podem ser problematizadas esteticamente e artisticamente.

Incomodar, desestruturar, fazer ruir sistemas eurocêntricos e apontar atividades práticas e reflexivas através Arte voltadas para a cultura afro-brasileira foram marcas da presente monografia que poderá também permear as outras disciplinas presentes no currículo. Apontará também a possibilidade de incorporação da disciplina Literatura, Diversidade Cultural e Relação Étnico-raciais como parte diversificada no currículo do 2º ciclo das escolas da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte.

A CULTURA AFRO-BRASILEIRA E O ENSINO DE ARTE

1.1 – A Lei 10.639/ 2003 e o currículo escolar

O ensino da história e cultura afro-brasileira e africana no Brasil sempre foi lembrado nas aulas de História com o tema da escravidão negra africana. Quando nos referimos, em sala de aula, ao escravo africano, nos equivocamos, pois ninguém é escravo – as pessoas foram e são escravizadas. O termo escravo, além de naturalizar essa condição às pessoas, ou seja, trazer a ideia de que ser escravo é uma condição inerente aos seres humanos, também possui um significado preconceituoso e pejorativo, que foi sendo construído durante a história da humanidade. Além disso, nessa mesma visão, o negro africano aparece na condição de escravo submisso e passivo.

Em 2003, o Governo Federal aprovou a lei 10.639. Em 2003 foi que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação - Lei 9394/1996 que inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da presença da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Africana". A lei propõe novas diretrizes curriculares para o estudo da história e cultura afro-brasileira e africana. Por exemplo, os professores precisam ressaltar em sala de aula a cultura afro-brasileira como constituinte e formadora da sociedade brasileira, na qual os negros são considerados como sujeitos históricos, valorizando-se, portanto, o pensamento e as ideias de importantes intelectuais negros brasileiros, a cultura (música, culinária, dança) e as religiões de matrizes africanas.

A lei foi sancionada graças aos anos de lutas dos movimentos sociais, em especial do Movimento Negro, e sem dúvidas é uma conquista desses atores sociais. No parágrafo primeiro, o texto da lei cita que o conteúdo programático incluirá a luta dos negros no Brasil, a cultura negra e formação da sociedade nacional resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinente à História do Brasil.

O ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, após a aprovação da Lei 10.639/03, fez-se necessário para garantir uma ressignificação e valorização cultural das matrizes africanas que formam a diversidade cultural brasileira. Portanto, os professores podem assumir um importante papel no processo da luta contra o preconceito e a discriminação racial no Brasil.

O aprofundamento do conteúdo estabelecido na lei é encontrado no texto das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, de outubro de 2004. Por meio dele é possível que as instituições de ensino, gestores e professores podem se munir de orientações, princípios e fundamentos para o planejamento e execução do conteúdo afro-brasileiro e africano dentro de sala de aula.

O documento apresenta um panorama histórico sobre a condição da criança negra na educação ao longo da história. O texto toca em questões sobre o Movimento Negro e como é necessário políticas de reparação e urgente desconstrução do mito da democracia racial. Aborda questionamentos comuns dos educadores como se deve ou não designar seus alunos como negros e desmistifica afirmações equivocadas como a de que negros se discriminam entre si e são racistas também.

O conteúdo destaca ainda que não se trata de mudar um foco etnocêntrico marcadamente de raiz europeia por um africano, mas de ampliar os currículos escolares para a diversidade cultural, racial, social e econômica presente na sociedade brasileira. Desse modo, as Diretrizes apresentam e apontam todo o embasamento teórico e prático que auxiliarão os educadores na concepção e execução de uma educação mais igualitária e diversa.

Nas escolas da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte, desde a educação infantil há uma normatização para que a tal lei seja incorporada no currículo desde a educação infantil.

Na Educação infantil, a vivência de práticas discriminatórias é o elemento de forte interferência na formação da identidade das crianças, sejam elas negras, brancas ou de outras raças... O desconhecimento e a inexistência da convivência multiétnica implica na formação de sujeitos racistas e preconceituosos, que negam aquilo que eles não conhecem e com o que não se identificam (SMED, 2016, p.55)

No Ensino Fundamental é dada a continuidade nos três ciclos tendo como possibilidade a incorporação da disciplina Literatura, Diversidade Cultural e Relação Étnico-raciais como parte diversificada do currículo dialogando com as outras especialmente com a arte.

Através do ensino da Arte, pretende-se identificar, analisar e desmistificar as relações raciais no ambiente escolar, assim como, pensar em práticas focalizando a constituição do estigma racial a partir da visibilidade que o indivíduo tem de si

mesmo e as exterioriza, além de propor ações de fortalecimento da identidade dos alunos.

Segundo Barbosa (2011, p:18):

A Arte capacita um homem ou uma mulher a não ser estranho em seu meio ambiente nem estrangeiro em seu próprio país. Ela supera o estado de despersonalização, inserindo o indivíduo no lugar ao qual pertence, reforçando e ampliando seus lugares no mundo.

Diante do reconhecimento da necessidade constante dos estudantes de escolas públicas tomarem conhecimento de sua própria identidade e do respeito à pluralidade da formação étnica e cultural do povo brasileiro, as artes plásticas e visuais poderá ser um instrumento de reflexão, criticidade, percepção e desenvolvimento de habilidades a partir da temática proposta.

1.2 – O Ensino de Arte na RME-BH

Na Base Nacional Comum Curricular podemos encontrar na 9ª competência geral: exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro, com o acolhimento e a valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de origem, etnia, gênero, orientação sexual, idade, habilidade/necessidade, convicção religiosa ou de qualquer outra natureza, reconhecendo-se como parte de uma coletividade com a qual deve se comprometer.

Como mencionado anteriormente, desde a Educação Infantil a construção da identidade se dá na relação da criança com os adultos com seus pares e com o mundo social mais amplo. Tal construção a partir da identificação das diferenças e da igualdade gera autoafirmação de si mesma e do grupo ao qual a criança pertence ao mesmo tempo em que gera o movimento de identificação do que é diferente.

A organização do trabalho pedagógico deve estar pautada no respeito incondicional a todas as crianças como sujeitos sociais de direitos. Isto é, faz-se necessário que a instituição escola e os profissionais da educação repensem a forma como as questões étnico-raciais são abordadas em sala, pois, não é possível estar alheio a esse tema nesse espaço tendo a Linguagem Plástica Visual como norteadora de várias atividades.

Cabe aos professores e educadores organizarem as condições físicas, materiais e estruturais de modo a oferecer às crianças oportunidades significativas de interagirem, em diferentes momentos, entre si, com os demais adultos, com as crianças de outras faixas etárias, consigo mesmas, com os objetos e artefatos culturais, em situações intencionalmente planejadas, estruturadas ou semiestruturadas, sempre sob sua supervisão atenta (SMED, 2016, p.42).

No Ensino Fundamental a Proposição Curricular para o Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino de Arte é um documento que além de indicar uma série de propostas para fomentar o olhar investigativo do professor, apresenta assuntos específicos do ensino de Arte com capacidades/habilidades e conhecimentos disciplinares para o ensino das expressões artísticas.

Esse documento traz um breve histórico sobre o ensino da Arte no Brasil. Em seguida o trabalho com a expressão artística: artes visuais, dança, música e a ampliação da experiência estética. Apresenta uma abordagem temática e metodológica voltada para a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa e uma lista de capacidades/habilidades específicas para o 1º, 2º e 3º ciclos de formação sendo formado de três anos cada um.

Como contribuição para o planejamento do professor, os quadros com as matrizes curriculares trazem sugestões quanto a gradação no tratamento das capacidades em cada ano do ciclo e são empregadas as letras I, R, T e C que remetem aos verbos introduzir, retomar trabalhar e consolidar.

No 2º ciclo em artes visuais encontramos o seguinte quadro com seguintes capacidades/habilidades:

Capacidades/habilidades	Conhecimentos disciplinares	1º ano	2º ano	3º ano
1- Reconhecer composições estéticas nas obras de arte. 2- Identificar os materiais expressivos e suas possibilidades. 3- Reconhecer e respeitar os diversos modos de expressão artística (individual e coletiva). 4- saber utilizar de diversos materiais expressivos 5- Identificar e aplicar técnicas do	Experimentação, utilização e pesquisa de materiais e técnicas artísticas.	I/T	R/T	R/T/C

fazer artístico.				
6- Reconhecer a importância das Artes Visuais na sociedade e na vida dos indivíduos. 7- Reconhecer a importância e apreciar locais onde são exibidas obras de arte. 8- Respeitar a diversidade cultural e artística. 9- Observar, estudar e compreender diferentes obras de Artes Visuais, artistas e movimento artísticos produzidos em diversas culturas: regional, nacional e internacional e em diferentes tempos da história. 10- Utilizar fontes documentais para pesquisas sobre arte.	-Reconhecimentos e experimentação dos elementos básicos da expressão visual, em suas articulações nos trabalhos de diferentes culturas. -Manuseio de fontes documentais de pesquisa sobre arte.	I/T	R/T	R/T/C

A interdisciplinaridade da Arte com as outras disciplinas do currículo para o trabalho com a temática proposta é uma maneira complementar que possibilita ao professor uma interação entre disciplinas como forma de superar a fragmentação entre elas.

De acordo com Barbosa (2011, p. 105) postura, atitude interdisciplinar, e a formação do professor para que se trabalhe nessa linha são das ferramentas mais importantes para que um trabalho de interdisciplinaridade seja bem sucedido.

1.3 – Pressupostos teóricos da Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa

O surgimento da abordagem triangular objetivava a melhoria do ensino da arte, na busca pelo entendimento da mesma e também uma busca de uma aprendizagem significativa. Preocupou-se pela busca de um conhecimento crítico não somente para os alunos, mas também para os professores.

Em 1990 a abordagem Triangular passou a ser colocada em prática e ficou conhecida como Abordagem Triangular. Tal Abordagem tem o objetivo de focar na metodologia adotada pelo professor nas suas aulas práticas, sem vínculo teórico padronizado, com a preocupação de não engessar o processo sendo dialógica e abrindo caminhos para o professor na sua prática docente.

Uma boa leitura do mundo artístico ocorre a partir do contexto em que se vive. Porém isso não significa focar só no ensino cotidiano do aluno, mas contribuir para

que eles consigam fazer uma leitura crítica e contextualizar a imagem multicultural, podendo identificar e não apenas apreciar, mas também comentar a beleza das imagens em uma sociedade em desenvolvimento sociocultural cumprindo o papel político de transformação social partindo do pressuposto das imagens artística.

A Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa possui três elementos indispensáveis no ensino da arte: o experimento, a fruição e a contextualização. Esses elementos desenvolvidos conjuntamente e a partir das culturas dos sujeitos, em conexão com suas respectivas vidas faz da arte-educação seu principal motivo de existir e se efetivam no processo de formação humana.

Como instituição que pode promover novas reflexões e cooperar na quebra de paradigmas culturais impostos como verdade única, a escola tem um papel salutar. Pensar em práticas pedagógicas voltadas para ações afirmativas que contribuem com formação de novos atores sociais cuja questão étnico-racial seja tratada com igualdade de direitos, tendo ainda como possibilidade de aprendizado na pluralidade e respeito a toda forma de expressão cultural ou religiosa.

No capítulo 2 será feito algumas reflexões sobre as contribuições das artes visuais e a Educação para as Relações Ético-Raciais na escola. Uma breve reflexão sobre a construção da identidade numa sociedade racista e como as diversas culturas contribuem para a formação da cultura brasileira e se expressa através da Arte.

AS ARTES VISUAIS E A EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

2.1 – A construção da identidade numa sociedade racista

O período entre os séculos XVI ao XIX com a vinda de africanos para o Brasil e da escravidão deles e de seus descendentes configurou-se uma problemática cultural afro-brasileira com o silenciamento e negação da cultura africana no Brasil pelos colonizadores.

Obrigados a seguir princípios e formas impostas a partir das metrópoles, os negros contribuíram para o implante, réplica e renovação das culturas artísticas no Brasil e que foram perpetuadas ao longo dos séculos.

A África é um continente que abriga diversos povos com tradições culturais distintas. Algumas delas inspiram as manifestações culturais afro-brasileiras. Diversos objetos criados nesse contexto participam dos rituais e das festas de cada tradição e podem ter simultaneamente um caráter religioso, espiritual e artístico.

Esses objetos nos mostra que cada cultura cria sua arte à sua própria maneira. Conhecendo a arte de diferentes povos, é possível respeitá-los e até encontrar pontos de identificação.

A construção da identidade negra positivada na escola perpassa a disciplina de Artes Visuais desde que foi aprovada a Lei 10639/03. A Educação para as Relações Étnico-Raciais proposta pela referida lei introduz o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na educação, prioritariamente nas disciplinas de História, Artes e Literatura.

É possível perceber diariamente na sociedade que a herança racista historicamente desenvolvida no processo de escravidão ainda está batendo à porta da educação brasileira. Construir a identidade negra a partir de uma perspectiva antirracista é uma necessidade que clama por ações afirmativas no ambiente escolar.

De acordo com Pereira (2007, p:52):

a inserção de temas referentes às culturas africanas e afro-brasileiras em nossos currículos permitirá maior compreensão de seus modos de funcionamento, bem como as influências que exerceram e continuam a exercer sobre a nossa sociedade.

A educação multicultural crítica adotada pelas Artes Visuais, procura evitar que os preconceitos se perpetuem, proporcionando condições para que a identidade negra possa ser reafirmada de forma positiva.

Diversos artistas brasileiros trazem nas suas manifestações artísticas, elementos para trabalhar a cultura africana e afro-brasileira nas escolas. Com isso as aulas de arte constituem espaços para construção da identidade e respeito à diversidade.

Rubem Valentim é um artista brasileiro que oferece contribuições na arte contemporânea que pode ser uma referência para trabalhar a cultura afro-brasileira na escola.

2.2 – Rubem Valentim e a cultura afro-brasileira

Rubem Valentim nasceu em Salvador, Bahia, no dia 9 de novembro de 1922 e faleceu em 1991. Na década de 40 iniciou sua carreira de pintor. Entre os anos de 1946 e 1947 integrou o Movimento de Renovação das Artes Plásticas na Bahia, junto com Mario Cravo Júnior, Carlos Bastos, entre outros artistas.

No início da carreira, Rubem produziu obras figurativas com natureza-morta, paisagens urbanas, flores e figuras humanas com influência do realismo e do expressionismo. Em 1953 formou-se em jornalismo pela Universidade da Bahia e publicou artigos sobre arte. A partir de 1953 começou a incorporar símbolos e emblemas, geralmente geométricos, das religiões de base africanas, como a umbanda e o candomblé, em telas abstratas, que se tornou mais frequente a partir de 1955. Suas criações são impregnadas de símbolos de tradição espiritual religiosa afro-brasileira.

Na pintura o artista buscava uma linguagem, um estilo para realizar uma realidade poética, rica e contemporânea. Sua arte tem sentido monumental intrínseco. Vem do rito, da festa. Busca raízes. Expressa pensamentos resultantes de uma consciência da terra, de povo. Do povo Negro.

Goya Lopes também traz boas referências para o trabalho com a cultura afro-brasileira por inspirar-se na cultura africana para criar seus modelos de moda.

2.3 – A moda inspirada na arte africana

A moda está vinculada a área do Design, um ramo das Artes Visuais. A brasileira Goya Lopes nascida em Salvador no dia 7 de maio de 1954. É uma designer têxtil e artista plástica brasileira. Formada em Belas Artes pela UFBA, com especialização na Universidade Internacional de Artes de Florença, onde também estudou litografia, criou em 1986 a marca Didara (bom, em iorubá), inspira-se na cultura africana para criar seus modelos de moda. Nesses modelos é possível observar a questão das formas geométricas e orgânicas das estampas como influência da arte africana.

A arte de Goya Lopes mescla sensibilidade e sofisticação, apresentando, em seu trabalho, a cultura afro-brasileira, indígena e barroca com base na interpretação sensível e profunda do que a cerca, do que a nutre, do que a formou como pessoa e artista. Nas imagens criadas, está presente a representação de tudo o que se vê na Bahia: um apaixonado sentimento pela vida, uma alegria que quebra grilhões e toca tambores no peito, uma ligação ancestral com a terra.

A arte africana envolve elementos como a repetição, forma, composição e cor sendo que ambos estão integrados. Nesse sentido os alunos poderão identificar, nos padrões que observam cotidianamente e nas roupas que vestem conteúdos relacionados tema estudado.

Os limites entre a arte e a moda não são fáceis de traçar. Diversas referências culturais participam de nossas escalas de valores. Na tradição da cultura ocidental, a criação de peças de vestuário, com valor utilitário, historicamente, é menos valorizada como forma de arte que a criação de pinturas e esculturas, mas que podem trazer muitas ferramentas para desenvolver práticas pedagógicas nas escolas visando ações afirmativas.

Artistas estrangeiros também trazem nas suas manifestações artísticas, inspirações para trabalhar a cultura africana e afro-brasileira nas escolas.

2.4 – Inspirações na cultura africana

Alguns artistas que nasceram em outros países aperfeiçoaram-se à cultura brasileira e fizeram trabalhos inspirados nela.

O fotógrafo francês Pierre Verger¹ nasceu na França e decidiu viver na Bahia em 1946. Em Salvador registrou muitas manifestações culturais brasileiras de origem africana.

Carybé² nasceu na Argentina seu pai era italiano e sua mãe brasileira. Ele naturalizou-se brasileiro após ser contatado pelo governo da Bahia para desenhar o local. Trabalhou como escultor, pintor, desenhista, aquarelista e ilustrador. Ele tocava pandeiro e identificava-se com a religião do candomblé que representava em muitos dos seus trabalhos.

Quando falamos em respeito à diversidade precisamos contemplar práticas pedagógicas que valorizam a contribuição histórica de diversas culturas que participaram da formação da cultura brasileira.

É importante perceber que não são manifestações restritas ao passado, são elementos vivos e participantes na cultura do país. Uma grande parcela da população partilha dessas origens. Muitos produzem arte no Brasil com base nas tradições afro-brasileiras.

Dentro dessa perspectiva de reconhecimento no próximo capítulo serão propostas várias atividades pedagógicas para alunos do 2º ciclo do Ensino Fundamental da RME/ PBH, objetivando-se desenvolver valores sociais e culturais a partir da história pessoal dos estudantes de maneira que os mesmos possam interagir com a história. Além disso, possam conhecer a influência africana nas manifestações presentes em nossa cultura, valorizando os povos que deram origem a nossa população através da arte.

¹ Pierre Verger (1902-1996) - Seu trabalho de registro e pesquisa contribuiu para o reconhecimento da relação entre as tradições culturais afro-brasileiras e suas origens africanas.

² Carybé (1911-11997) – Nome adotado pelo artista Hector Julio Paride Bernabó.

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E O TRABALHO COM A LEI 10.639 NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL

3.1 – Experimentações e a arte

O processo da Abordagem Triangular teve início na década de 1980 e foi sistematizada no período de 1987/1993 no Museu de Arte Contemporânea da USP. Enquanto nas escolas públicas que estudei vivenciava práticas tradicionais, repetitivas e descontextualizadas, tal abordagem surge da necessidade de uma prática de ensino pós-moderno de arte e da procura de uma alternativa para prática de livre expressão do ensino moderno da disciplina, que já não corresponde às inúmeras tendências e aspectos da realidade contemporânea.

A Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa é hoje a principal referência do ensino da arte no Brasil. Essa proposta procura englobar vários pontos de ensino aprendizagem ao mesmo tempo, entre os principais estão: leitura da imagem, objeto ou campo de sentido da arte (análise, interpretação e julgamento), contextualização e prática artística (o fazer).

Nesse sentido a arte é capaz de sensibilizar para as diferenças; por isso pode tornar-se um meio para possibilitar o fim da discriminação étnica e/ou cultural e responder à diversidade racial e cultural de maneira positiva e responsável.

O uso de experimentações nas aulas de arte auxilia no desenvolvimento da criatividade, tornam os alunos atuantes, construtores de seu conhecimento, agente de seu aprendizado, envolvendo-os na sua totalidade através das descobertas realizadas através da arte. A experiência em arte acontece na criação artística e na fruição da produção, permitindo o envolvimento pleno do sujeito de forma ativa e criativa.

Através da Lei 10.639/03 é necessário que os professores que trabalham com arte desde a educação infantil sejam capazes de criar estratégias educativas e pedagógicas para o combate ao racismo que supere a condição que diz que biologicamente não existem raças superiores e inferiores, para que a escola também possa deixar de ser um espaço de reprodução do racismo no Brasil. Faz-se necessário ainda que a escola e os profissionais da educação repensem a forma como as questões étnico-raciais são abordadas em sala.

O processo de ensino de Arte permite também novas relações entre as disciplinas do currículo. Entre inúmeras funções cumpridas pelo trabalho com a Arte, poderíamos citar a possibilidade de acesso a valores de outras culturas e consequente análise de sua realidade cotidiana, a dimensão social adquirida pelas manifestações artísticas, a compreensão da arte determinando perfis profissionais e as novas leituras do fazer artístico à luz dos códigos visuais da modernidade (BARBOSA, 2011, p.125).

A escola é um espaço de aprendizagem e nela também são compartilhadas além do conhecimento, as crenças, valores, costumes e até mesmo preconceitos. Quando trabalhamos apenas datas comemorativas, pintura de desenhos estereotipados, músicas sem conteúdo, os contos clássicos, as histórias do Brasil a partir da visão do colonizador, estamos perpetuando a desigualdade.

A organização do trabalho pedagógico deve estar pautada no respeito incondicional a todos os estudantes como sujeitos sociais de direitos. Isto é, faz-se necessário que a escola e os profissionais da educação repensem a forma como as questões étnico-raciais são abordadas em sala, pois, não é possível estar alheio a esse tema nesse espaço.

Cabe aos professores e educadores organizarem as condições físicas, materiais e estruturais de modo a oferecer às crianças oportunidades significativas de interagirem, em diferentes momentos, entre si, com os demais adultos, com as crianças de outras faixas etárias, consigo mesmas, com os objetos e artefatos culturais, em situações intencionalmente planejadas, estruturadas ou semiestruturadas, sempre sob sua supervisão atenta (SMED, 2016, p.42).

Quando falamos em respeito à diversidade precisamos contemplar práticas educativas com as quais todos os estudantes possam se reconhecer.

3.2 – Práticas Pedagógicas

Ao longo do 2º ciclo do Ensino Fundamental foi realizado um levantamento em livros, projetos, textos, formações e diálogos de várias práticas pedagógicas para o trabalho com a lei 10.639 tendo a arte como disciplina central durante o processo.

Tais práticas tem o objetivo de propiciar uma rede de construção de conhecimentos baseado no contato direto com as experimentações estéticas, desenvolvendo o pensamento artístico e a sensibilidade através de recursos que permitirão o envolvimento pleno do sujeito de forma ativa e visando o fortalecimento da identidade e a busca de ações afirmativas no ambiente escolar.

Dialogando com o quadro de capacidades/habilidades no campo das Artes Visuais proposto pelas Proposições Curriculares para o Ensino Fundamental detalhado no capítulo 1, vários poderão ser os objetos de conhecimento trabalhado ao longo do 2º ciclo:

- Matrizes estéticas e culturais: reconhecimento e análise da influência de distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais nas manifestações artísticas das culturas locais, regionais e nacionais.
- Processos de criação: experimentação e criação em artes visuais de modo individual, coletivo e colaborativo, explorando diferentes espaços da escola e da comunidade. Diálogo sobre a sua criação e as dos demais colegas, visando alcançar sentidos plurais.
- Sistemas de linguagem: reconhecimento de algumas categorias do sistema de artes visuais (museus, galerias, instituições, artistas, artesãos).
- Elementos da linguagem: exploração e reconhecimento de elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, cor, espaço, movimento).
- Materialidades: experimentação de diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, escultura, vídeo, fotografia) fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.

Dialogando com os objetos de conhecimento mencionados, é possível destacar as seguintes práticas pedagógicas:

- Acolhimento e apresentação dos estudantes visando a valorização da diversidade;
- Conversa sobre Van Gogh/ autorretrato/ Apreciação de obras;
- Construção do autorretrato (desenho/ pintura);
- Fotografia do rosto dos alunos para oficina de Monotipia – Trabalhar identidade;
- Impressão das fotos;
- Oficina de Monotipia a partir da foto de rosto dos alunos;
- História e vídeos de Capoeira;
- Livro: Luana, a menina que viu o Brasil neném – Roda de conversa sobre o

- processo de colonização do país e formação do povo brasileiro;
- Oficina de Capoeira com o monitor da Escola Integrada em sala;
 - Levantamento Bibliográfico dos artistas Carybé e Pierre Verger e apreciação de obras pela internet – sala de informática;
 - Releitura das obras referente a capoeira fotografada e pintada pelos artistas Carybé e Pierre Verger através da pintura;
 - Visita à cidade histórica de Sabará com o objetivo de perceber e valorizar a contribuição dos negros na construção dos patrimônios históricos da cidade;
 - Fotografia dos espaços visitados;
 - Seleção das fotografias;
 - Goya Lopes – biografia;
 - Criação de tramas e estampas através do desenho.
 - Filme Intolerância Religiosa - Discussão sobre as diversas religiões existentes em nosso país;
 - História dos turbantes;
 - Estampas e turbantes: tipos de amarração;
 - Filme: A rainha de Katwe;
 - Oficina de turbante, pintura facial africana;
 - Seleção de fotografias tiradas ao longo das atividades anteriores e construção do livro de fotografias;
 - Realização de uma oficina das bonecas Abayomis;
 - Pesquisa sobre o significado das bonecas;
 - Fotografia: Construção do “Livro de Fotografias - Diversidade através dos múltiplos olhares”. Fotografias feitas pelas crianças durante as atividades de experimentação – selecionar e revelar fotos;
 - Visitação a museus da cidade;
 - Visitas a sites sobre a temática;
 - Exposição das atividades em mostras culturais da escola;
 - Incorporação da disciplina da parte diversificada Literatura, Diversidade Cultura e Relação Étnico-Raciais no currículo visando à interdisciplinaridade.

As atividades poderão ser realizadas nas dependências da escola: sala de aula, pátio da escola e laboratório de informática. As exposições das atividades poderão ser feitas no pátio da escola ao longo ou ao final do ano letivo. Excursões e visitas a

museus ou em outros espaços também deverão ser contemplados para melhor ilustrar a temática abordada.

As práticas acima citadas poderão perpassar pelas outras disciplinas do currículo, tornando assim um trabalho interdisciplinar.

Quando aprendemos algo, aprendemos melhor, ou fixamos melhor na memória, se o relacionamos a um evento, pessoa ou até outro conhecimento. Raramente as pessoas irão aprender sem fazer relações com conhecimentos já de antemão adquiridos. Postura, atitude interdisciplinar, e a formação do professor que pretende trabalhar nessa linha são ferramentas mais importantes para que o trabalho de interdisciplinaridade seja bem sucedido. A atitude interdisciplinar é uma atitude para conhecer mais e melhor (BARBOSA, 2011, 105-106).

Professores, alunos, direção, coordenação, monitores do Programa Escola Integrada e as famílias deverão dialogar e participar ativamente das atividades propostas.

As produções artísticas dos estudantes podem ser socializadas na escola, envolvendo educadores, familiares e a comunidade nos processos educativos. As atividades não deverão se restringir ao espaço físico da escola. Os estudantes poderão ser estimulados a dialogar e comunicar com o universo mais amplo onde se situam e possuem variadas produções artísticas, tanto em contato direto como por intermédio do uso de diferentes mídias e das tecnologias da informação e da comunicação.

Vários materiais podem ser utilizados: equipamentos: câmeras, celulares, impressora, computador, TNT preto, e tecido (chita e malhas para turbantes), fitas de cetim, revelação de fotos, internet, papel branco A4 e A3, colorsete, pintura facial, tinta aquarela, pinceis, papel toalha, fita adesiva, jornal, verniz, cola tesoura, carbono de cores variadas (monotipia), lápis, borracha, livros de literatura, instrumentos musicais (berimbau, pandeiro, atabaque e caxixi), ônibus, dentre outros que se fizer necessário durante o desenvolvimento das atividades.

As experimentações nas aulas de arte vão auxiliar os estudantes no desenvolvimento da criatividade, tornando-os protagonistas, construtores de seu conhecimento. A experiência envolve o sujeito na sua totalidade. E em arte a experimentação se dá na completude da ação, quer seja como um fruidor ou como elaborador, uma vez que a experiência em arte acontece na criação artística e na

fruição da produção artística, permitindo o envolvimento pleno do sujeito de forma ativa e criativa. Pensando assim, o contato e a percepção acerca das propostas de trabalho propiciarão uma ampliação qualitativa do olhar discriminador e igualmente questionador dos alunos.

CONCLUSÕES

Inúmeros são os aspectos históricos que influenciaram e influenciam o ensino da Arte em nossa atualidade. Uma série de eventos e concepções passadas ainda permeiam as concepções do ensino de Arte nas escolas regulares.

Nas escolas da Rede Municipal de Ensino de 1º e 2º ciclos em Belo Horizonte, as aulas de Arte não são ministradas pelo professor especialista e sim por professores na sua maioria com graduação em Pedagogia.

Além disso, observa-se até hoje uma desvalorização da disciplina nesses espaços fazendo com que a mesma fique sempre em segundo plano. Isso quando não é resumida em momento de fazer atividades relacionadas a datas comemorativas ou em pinturas de desenhos estereotipados.

Atualmente é possível perceber a importância cultural do conhecimento artístico da própria humanidade e suas diversas formas de pensamento organizacional. Só agora, na atualidade, mesmo em meio a tantos desafios e equívocos no ensino da Arte, percebe-se uma corrente para que tais equívocos comecem a desaparecer.

Essas e outras formas de discriminação, que mostram muitas vezes incompreensão da expressão artística, podem ser erradicadas completamente, se desde cedo a criança perceber a importância do conhecimento artístico em sua vida no cotidiano escolar. E isso depende, é claro, do quanto o educador de 1º ciclo debruçar-se no conhecimento de diversos aspectos do universo artístico, para poder proporcionar o reconhecimento, a valorização e o respeito ao trabalho no campo da Arte (SMED, 2010, p. 6).

De acordo com SMED (2010), para melhor entendimento e organização das ações na disciplina de Arte, optou-se por trabalhar com capacidades/habilidades gerais e específicas que servem como eixos norteadores do planejamento do professor. Ficarão a cargo do professor de 2º ciclo a definição das capacidades/ habilidades específicas para cada temática trabalhada, cada objeto de conhecimento.

Conforme o quadro com as matrizes curriculares do ciclo em questão as definições quanto às ações de introduzir, trabalhar, retomar e consolidar tem como objetivo sugerir o enfoque que será dado às capacidades/habilidades de cada ano do ciclo.

No entanto, após estudos realizados através da presente monografia, é possível afirmar que a Arte pode se tornar uma importante aliada no estudo e implementação

da lei 10.639/03 nas escolas da Rede Municipal de Belo Horizonte, com alunos de 2º ciclo.

Percebe-se que é preciso que a escola e os profissionais da educação repensem a forma como a Arte é trabalhada nesse espaço com os estudantes e como as questões étnico-raciais são abordadas. Nesse sentido a Arte constitui-se uma ferramenta indispensável no trabalho com essa temática por propiciar uma rede de construção de conhecimentos baseados no contato direto com experimentações estéticas de relevância, visando ações afirmativas no resgate à identidade do negro e combate ao racismo.

Na Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte os Núcleos de Estudos das Relações Étnico-Raciais são parte fundamental nos processos de formação docente como espaço colaborativo de discussões e proposições relativas à implementação da Lei 10.639/03. Nas agendas mensais de encontros (regionais, inter-regionais e vivências), tem se estabelecido um rico diálogo entre saberes e experiências trazidas do contexto escolar pelos profissionais da Educação e aqueles provenientes dos movimentos sociais e da universidade.

A diversidade dos percursos formativos, a articulação dos integrantes, as diferentes formas de interlocução com os coletivos das escolas, a organização de murais na sala dos professores, o repasse das discussões realizadas nos encontros, a organização momentos formativos, as ações e projetos interdisciplinares foram e são essenciais para que os momentos de reflexão e troca de experiências vivenciadas nos Núcleos tenham impacto positivo. Nessa perspectiva o papel do professor-artista-pesquisador é de suma importância.

Realizar o trabalho com a referida Lei tendo a Arte como o componente curricular central através das práticas pedagógicas mencionadas, podem propiciar aos alunos uma forma singular nas dimensões da criação, da crítica, da estética, da expressão, da fruição, da reflexão, da tolerância e do respeito.

A Arte poderá conferir significado ao que se aprende abrindo campo para que cada estudante construa sua identidade cultural dialogando com as imagens que o cerca, com as músicas que ouve, com os espetáculos que assiste, com espaços que visita e com as informações às quais tem acesso, incluindo as produções contemporâneas.

Acredito também que as práticas pedagógicas permite ao aluno ser capaz de compreender o papel da Arte na sociedade e na vida dos indivíduos, percebendo-se como sujeito criador, conhecedor de arte e cidadão com direito à participação cultural, ou seja, como agente ativo no processo.

Sabe-se que a Arte favorece a construção da autoestima positiva e do papel de estudante que cria ao aprender, porque cada aluno se coloca como sujeito participante de um coletivo, que dialoga com o conhecimento do componente e se identifica progressivamente com a produção dos artistas em uma perspectiva plural, ou seja, incluindo a diversidade das culturas e dos diferentes grupos sociais (IVALBERG, 2017, p.6).

Entretanto, ao aprender o aluno estará entrando em contato com diferentes modos de produção, de circulação e de acesso a arte. Aprenderá também sobre os protagonistas do mundo da arte: artistas, arte/educadores, historiadores, músicos, dentre outros. Tal aprendizado poderá ser entendimento e contextualizado do sistema da arte em suas diferentes matrizes culturais e estéticas na sociedade e na vida cotidiana.

REFERÊNCIAS

A INTOLERÂNCIA religiosa no Brasil. Produção: Rádio Rio West FM, 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SsVL9564CGw>>. Acesso em: 11 de julho de 2018.

A RAINHA de Katwe. Produção: Walt Disney Pictures, 2016. 1 DVD.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-Educação: leitura no subsolo.** São Paulo: Cortez, 2008.

BARBOSA, Ana Mae (org.). **Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte.** 6.ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BARBOSA, Ana Mae (org.) **Ensino da Arte: memória e história.** São Paulo: Cortez, 2007.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** Ensino Fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.

BRASIL. **Lei 10.639/2003**, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

ROCHA, Rosa Margarida. **A história da África na Educação Básica.** 2ª Ed. Belo Horizonte: Nandyala, 2009.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte/Educação contemporânea: consonâncias internacionais** – São Paulo Cortez, 2005.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular:** Base Nacional Comum Curricular. 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental/arte>>. Acesso em: 10 maio 2019.

BRASIL. **Lei 10.639/2003**, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

CONDURU, Roberto. **Arte Afro-brasileira.** Belo Horizonte: C/Arte, 2007.

FONSECA, Marcos Vinícius; NEVES, Carolina Mastro; FERNANDES, Alexsandra Borges (orgs). **Relações Étnico-Raciais e Educação no Brasil.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 27. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos de identidade negra.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GOMES, Nilma Lino. **Betina.** Belo Horizonte. Mazza Edições, 2009. 24p.

IVALBERG, Rosa; SAPIENZA, Tarcísio Tait; ARSLAN, Luciana Mourão. **Projeto presente: arte.** 5.ed. São Paulo: Moderna, 2017.

MADURO, Clébio; PIMENTEL, Lucia G. **Monotipia e Impressão**. In PIMENTEL, Lucia G. (org.) Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais, vol.2. Belo Horizonte: EBA/UFMG, 2009, p.01-09.

MEC. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, Outubro de 2004.

PEREIRA, Edmilson de Almeida. **Malungos na escola: questões sobre culturas afrodescendentes e educação**. São Paulo: Paulinas, 2007.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa; XAVIER, Samara. **Pesquisa em/sobre Ensino/Aprendizagem de Artes Visuais II**. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2019.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. **Metodologias do ensino de Artes Visuais**. In__Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais. Vol.1. Belo Horizonte: EBA/UFMG, 2007, p. 8-21.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. O ensino de arte e sua pesquisa: possibilidades e desafios. In: NAZÁRIO, L; FRANCA-HUCHET, P. **Concepções contemporâneas de Arte**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p.310-317.

ROCHA, Rosa Margarida. **A história da África na Educação Básica**. 2ª Ed. Belo Horizonte: Nandyala, 2009.

SMED. **Proposições Curriculares do Ensino Fundamental - Caderno de Arte**. Belo Horizonte, 2010.

SMED. **Proposições Curriculares para a Educação Infantil**. Vol. 1. 2ª Ed. Belo Horizonte: PBH, 2016.

SMED. **Proposições Curriculares para a Educação Infantil**. Vol. 1. 2ª Ed. Belo Horizonte: PBH, 2016.

